

METAMORFOSE DO TERRORISMO

METAMORPHOSIS OF TERRORISM

METAMORFOSIS DEL TERRORISMO

ANSELMO MELO DIAS¹

RESUMO

Nos últimos anos o terrorismo voltou a dominar a agenda internacional e face às sucessivas manifestações violentas, testemunhadas por toda a comunidade internacional, parece-nos pertinente abordar a problemática deste fenómeno e verificar as suas mutações ao longo dos anos a fim de identificar as principais diferenças. O conflito entre Estados deixou de ser o pano de fundo dos confrontos armados, pelo menos parcialmente, ressurgindo o fenómeno do terrorismo, mas desta feita à escala global, ultrapassando efeitos táticos facilmente quantificáveis e inseridos numa ação em que o terrorismo se apresentava como uma técnica de ação violenta. Este fenómeno, por si só, não é inteiramente novo. O terrorismo apresenta-se com um alcance estratégico, não pelas ações mas pelos seus efeitos e consequências à escala global, com impacto significativo nas opiniões públicas mundiais. Desta forma interessa compreender quais as principais alterações que o terrorismo sofreu ao longo destes últimos anos, de forma a efetuarmos uma analogia entre o terrorismo durante o período da Guerra Fria a que nós designamos de tradicional e o terrorismo com que hoje nos deparamos o contemporâneo. Para tal desiderato efetuamos uma análise holística do conceito e sua adaptação aos diferentes momentos.

Palavras-chave: Fundamentos do Terrorismo. Estrutura do Terrorismo. Terrorismo Contemporâneo.

ABSTRACT

In recent years terrorism has once again dominate the international agenda. The international community has witnessed successive violent demonstrations, and it is therefore appropriate to address the problems of this phenomenon and assess its changes over the years in order to identify the main differences. The conflict between States ceased to be the scene of armed conflicts, at least partially. The phenomenon of terrorism (re) arises but yet now on a global scale, surpassing tactical effects easily quantifiable and in a context where terrorism is presented as a violent action technique. This phenomenon, in itself, is not entirely new. Terrorism presents itself with a strategic reach capacity, not by actions but by its effects and consequences on a global scale and with significant impact on world public opinion. Thus, it is important to understand what are the main changes that terrorism has undergone over the last few years. This study consists in a holistic analysis methodology of terrorism concept, aiming to understand the concept itself and its adaptation in different moments in time. To this aim, an analogy between two different terrorism moments in time is made: during the Cold War, here designated by "traditional terrorism" and today's terrorism, here designated by "contemporary terrorism".

Keywords: Terrorist fundamentals. Structure of Terrorism. Contemporary terrorism.

RESUMEN

En los últimos años el terrorismo ha vuelto a dominar la agenda internacional y ante las sucesivas manifestaciones violentas, presenciadas por toda la comunidad internacional, nos parece apropiado abordar los problemas de este fenómeno y ver sus cambios a lo largo de los años con el fin de identificar las principales diferencias. El conflicto entre los Estados dejó de ser la tela de fondo de los enfrentamientos armados, al menos parcialmente, resurgiendo el fenómeno del terrorismo, pero esta vez a nivel mundial, superando los efectos táticos fácilmente cuantificables e incluidos en una acción en la que el terrorismo se presentaba como una técnica acción violenta. Este fenómeno, en sí mismo, no es del todo nuevo. El terrorismo se presenta con un alcance estratégico, no por las acciones, sino por sus efectos y consecuencias a escala mundial, con un impacto significativo en la opinión pública mundial. Por lo tanto interesa entender cuáles son los principales cambios que el terrorismo ha experimentado en los últimos años, de manera a realizar una analogía entre el terrorismo durante el periodo de la Guerra Fría, que hemos designado como tradicional y el terrorismo que hoy enfrentamos como contemporáneo. Para ello hacemos un análisis holístico del concepto y su adaptación a los diferentes momentos.

Palabras clave: Fundamentos del Terrorismo. Estructura del Terrorismo. Terrorismo Contemporáneo.

¹ Exército Português, Lisboa, Portugal.

E-mail: <anselmo.m.dias@gmail.com>

Investigador associado do CISDI/IESM

Doutorando em Estudos Estratégicos no ISCSP

Mestre em Relações Internacionais.

I INTRODUÇÃO

O desafio proporcionado pela oportunidade de abordar experiências e conhecimento relativos à investigação do fenômeno do terrorismo é aliciante – “Metamorfose do Terrorismo”. Não devemos dissertar sobre esta temática sem antes manifestar o motivo que nos leva a encarar este repto como aliciante, mas também porque o mesmo possui a capacidade de provocar celeuma, sendo o seu conteúdo da inteira responsabilidade do autor na interpretação do fenômeno. Em nosso entender, é desenvolvida uma interpretação e uma análise crítica a um fenômeno que questiona a própria maturidade da violência e os seus efeitos.

O terrorismo concentra particular fator mediático e perigosidade, por diversas vezes que foi praticado pelas mais variadas razões e com diferentes graus de sucesso. A sua gênese de secretismo e a violência têm sofrido diversos desenvolvimentos e mutações, aliados à natural evolução das civilizações, pelo que importa perceber a sua dinâmica, tendo como principal fim a sua compreensão e alcance. Apesar do objeto do presente artigo reverter sobre as alterações que o fenômeno do terrorismo sofreu, importa referir a estreita ligação que este manteve, ao longo dos tempos, com a violência, colocando discussões pertinentes relativas à sua legitimidade e legalidade.

De acordo com Lara (2007a, p. 43), o terrorismo constitui-se como um dos elementos da subversão², em particular nas ações desenvolvidas por guerrilhas³, modelo empregue pelas guerrilhas nos movimentos que se desenvolveram em África, e.g. Argélia, Angola, Congo, entre outros. Assumindo contornos de uma tática, em que as suas ações estavam integradas numa estratégia ao serviço de uma “violência” com fins políticos.

Com a queda do muro de Berlim, em 1989, e o conseqüente fim do Pacto de Varsóvia, em 1991, apresentou-se um desequilíbrio do sistema internacional, com a emergência de atores erráticos, numa geometria de poder variável (ROMANA, 2004, p. 258), que permitiram a emergência de atores não estatais com ambições desmedidas e dispostos a tudo pela sua causa, com capacidade de executarem atentados em grande escala e de âmbito transnacional.

Na sequência do referido, é nossa intenção efetuar uma abordagem conceptual e aproveitar a presente oportunidade para dissertar sobre as principais diferenças concernentes ao terrorismo das últimas décadas

em relação ao que se vive na atualidade. O apresentado está longe de ser um produto acabado, dada a dimensão e pertinência do tema, onde a seleção dos presentes contributos estão relacionados com o estudo do fenômeno, que serve de contributo para o desenvolvimento de um possível modelo de análise, facilitando a sua indagação, e proporcionando, de igual modo, uma análise coerente que evite uma dispersão significativa. Foi nosso intento desenvolver algumas referências a casos práticos, para um melhor entendimento, caso a caso (com especificidades espaciais, temporais e com níveis de violência próprios de cada situação), com situações empíricas provenientes de arranjos análogos ao essencial, ou seja, representatividade da situação apresentada com o conceito explanado.

Apresentamos, de forma global, conceitos que permitem compreender as bases em que o terrorismo se pode fundamentar. Para tal designio e dada a vastidão do tema, em informação e polémica, foi nossa opção adotar uma questão orientadora para o desenvolvimento do presente artigo: “*Como se pode caracterizar a evolução do terrorismo?*”

Em nosso entender, a referida questão permite efetuar uma perspectiva do fenômeno, tal como definir conceitos orientadores que possibilitam entender esta atividade violenta. Dado que o terrorismo se identifica com as ameaças assimétricas⁴, esta questão orientadora surge na necessidade de explicar de que forma epistemológica se pode estudar a eventual mutação do terrorismo. Assim, importa verificar as suas principais características e validar as premissas que se identificam com o fenômeno⁵, a fim de permitir o seu conhecimento para posterior compreensão. Com a finalidade de facilitar a análise e o desenvolvimento do objeto de estudo recorreremos a uma perspectiva holística e multiforme, no sentido de determinar e de alcançar os aspetos mais significativos na análise de uma possível evolução do terrorismo.

Dada a amplitude do tema, consideramos adequado, para uma melhor direção e desenvolvimento do presente ensaio, delimitar o estudo às seguintes variáveis de análise: fundamentos do terrorismo (breve caracterização) e objetivos (alicerçados por uma estrutura organizacional e sua motivação). Para tal, iremos circunscrever o estudo em dois grandes períodos, desde os anos 60 até à queda do muro de Berlim (a que passaremos a designar de período de terrorismo tradicional) e após a queda do muro de Berlim (a que passaremos a caracterizar este período por terrorismo contemporâneo).

2 Em Portugal, ao contrário do Brasil, não é usual recorreremos ao vocábulo de *insurgência*. É comumente empregue a designação de *subversão* em que é considerada “como o processo social conducente a uma rutura, total ou parcial, de uma dada ordem conjuntural e caracterizado pela informalidade ou marginalidade aos valores e ordem jurídica instituídos, com vista à substituição dessa ordem por outra” (LARA, 2007b, p. 364).

3 Braço armado de uma facção política, que pauta a sua conduta pelo incumprimento das normas estabelecidas e sobrevive na clandestinidade.

4 O atual sistema internacional, e conseqüente ambiente operacional, é volátil, incerto, complexo e perigoso. É um ambiente no qual a ameaça assimétrica está cada vez mais presente. Estas ameaças caracterizam-se por influenciar o sistema internacional e evidenciam-se pela sua dinâmica de difícil controlo, tais como: (i) o próprio terrorismo; (ii) crime organizado, do qual salientamos o narcotráfico; (iii) nacionalismos étnicos e religiosos; (iv) proliferação de armas de destruição em massa, entre outras.

5 Estamos cientes que o presente trabalho está centrado em autores de referência da temática em Portugal, bem como influências anglo-saxónicas.

O trabalho é composto por cinco momentos. Num primeiro momento iremos efetuar a apresentação conceptual do terrorismo com breves considerações relativas ao terrorismo tradicional e contemporâneo. No segundo momento caracterizaremos a tipologia de objetivos. No terceiro momento será abordada a estrutura organizacional de grupos terroristas para o terrorismo tradicional e contemporâneo. Seguidamente efetuamos uma análise motivacional, apresentando fundamentos que norteiam os terroristas a implementarem as suas causas em proveito da violência. No final serão apresentadas as considerações finais relativas ao estudo desenvolvido.

2 FUNDAMENTOS DO TERRORISMO

Diversas linhas de pensadores e autores têm apresentado diversas fases e mutações ao longo dos anos. É nossa intenção abordar o fenómeno a partir dos anos 60, mas não podemos deixar de abordar a origem do seu vocábulo.

Ao invés de diversos fenómenos que facilmente se podem quantificar e determinar, com alguma precisão, as suas origens em termos espaciais e temporais, o terrorismo não tem um momento físico na história que permita determinar a sua real origem com exatidão. No entanto, as suas origens podem ser encontradas no primeiro século depois de Cristo, “quando o grupo Sicarii começou a usar técnicas de terrorismo [...] para se tentar libertar do domínio romano, na região da Palestina” (SILVA, 2011, p. 127). Não sendo nossa intenção abordar e desenvolver um enquadramento histórico, partimos com a premissa que este tem origem no vocábulo de “terror”, utilizado durante a Revolução Francesa, especialmente no período compreendido entre 1793 e 1794, para materializar o período da ditadura jacobina, quando o Comité de Salvação Pública tomou o controlo do país. A designação “terrorismo” materializava os atos praticados durante esse período. Desde então várias foram as formas como este começou a ser interpretado e operacionalizado, mas abordemos os períodos definidos na introdução do trabalho.

Os anos 60 e décadas seguintes, período da Guerra-Fria na sua plenitude, caracterizaram-se pela sua bipolaridade e seus espaços de influência. A possibilidade de um conflito armado entre as duas grandes potências poderia levar a um escalar de violência que poderia terminar numa guerra nuclear. Este período, para além do confronto entre os dois Estados diretores dos dois blocos, continha outros conflitos de nível regional, os quais se desenvolveram com forte influência ideológica e com a ocorrência, mais uma vez, do fenómeno do terrorismo, como instrumento tático revolucionário, manifestando-se nas atividades de guerrilha, na então designada “luta armada” contra o poder instituído, bem como na apresentação de grupos separatistas e nacionalistas onde prevalecia a confrontação política-ideológica.

O período seguinte ao fim da Guerra-Fria apresenta-se de forma súbita sem que o mundo estivesse preparado para enfrentar uma nova realidade, as ameaças⁶ assimétricas, e a presença de novos atores⁷ no sistema internacional. A globalização contribuiu de forma significativa para esta situação, apresentava-se de acordo com um processo que permite a transformação de atividades e espaços, com organizações e instituições de âmbito regional para situações transversais a todo o globo e comunidade internacional. Foi algo que ajudou para a transnacionalização do terrorismo, dotando-o de capacidades e de recursos ao nível global e facilitando a sua forma de dissimulação.

Na sequência do referido, iremos designar o terrorismo com forte influência ideológica, desenvolvido nas décadas de 1960 a 1980 de terrorismo tradicional. A designação de terrorismo contemporâneo é caracterizada pelo período de pós-Guerra-Fria, onde se consegue identificar uma evolução do anterior devido à presença de atores estatais e não estatais, apresentando-se de forma transversal e multidimensional, sem respeitar espaços físicos nem preocupação com a dimensão dos seus efeitos com uma vigorosa influência religiosa.

No entanto, iremos verificar que o terrorismo tradicional e o contemporâneo se manifestam pelo recurso à violência, tal como se identificam nas diferentes formas de atuação, todavia com proporções diferenciadas, mantendo uma forma de luta violenta.

O terrorismo manteve as mesmas premissas, aliás, apurou as suas técnicas e expandiu-as a todos os continentes. As ações perpetradas por religiosos radicais vieram mostrar que esta forma de luta destruiu o mito da invulnerabilidade da grande superpotência, os Estados Unidos da América.

Mas para uma melhor compreensão da dinâmica do terrorismo, verifiquemos os momentos seguintes que o presente ensaio apresenta. Embora o terrorismo seja um fenómeno antigo, a atualidade ainda se depara com dúbias interpretações e uma enorme variedade de conceitos. Como dúvidas centrais, apresentam-se as questões relacionadas com a sua evolução e eventual mutação (TOMÉ, 2004, p. 174).

A polissemia do termo é um facto assente nos mais variados e diversos estudos de analistas, militares e homens de Estado. Não sendo a sua definição unânime, existem diversas abordagens relativas a este assunto, nomeadamente quanto à sua “legalidade” e justificação de emprego, pois um indivíduo, ou grupo, pode ser considerado como um terrorista por um segmento da sociedade e pode ser visto por outro, como um guerreiro da liberdade e dos direitos de uma minoria (TOMÉ, 2004, p.177-179).

⁶ As ameaças passaram a ser difusas, complexas e multiformes, contribuindo para a complexidade do campo de batalha.

⁷ Atores não estatais.

O ambiente operacional apresenta conflitos de uma nova geração⁸, em que predominam as ameaças⁹ assimétricas. A evolução da tipologia de conflitos originou alterações políticas, culturais, sociais, psicológicas e antropológicas. Surgem novos atores, não estatais, de cariz multifacetado, multiforme e multidisciplinar, cujas motivações se apresentam de forma distinta, conforme iremos verificar no próximo momento, contudo, importa referir desde já a sua projeção ao nível global.

O terrorismo distingue-se da violência comum, mesmo quando aquela é levada ao extremo, pelo facto de possuir um planeamento detalhado, objetivos tangíveis, definidos de forma a atingir o fim a que se propõe e a sua estrutura envolve-se num sistema sigiloso (ROGEIRO, 2003, p. 60), afirmamos mesmo que o terrorismo não desenvolve uma violência gratuita, tem sempre um fim a atingir.

Em termos de enquadramento conceptual, encontramos diferentes definições, verificamos identicamente que se apresentam distintas formas de adoção. Como tal, temos, e.g., os Estados Unidos da América, a Rússia, a Colômbia, a China e a Índia, que elencaram diferentes abordagens ao fenómeno. Qualquer um destes atores tem preocupações concretas com o terrorismo, não de todo similares, apresentando no sentido lato uma semelhança ao fenómeno, mas no sentido restrito uma distinção perfeitamente referenciável, em que cada um se preocupa com um determinado tipo de terrorismo e formas de atuação. Tais divergências obrigam-nos a tratar a sua problemática de forma sectorial, face à necessidade de garantir a segurança interna e, em alguns casos, a própria integridade nacional (LOUSADA, 2007, p. 24).

Ao nível europeu¹⁰, tem-se desenvolvido uma dinâmica muito própria de atuação, definindo uma estratégia de combate, inclusive, a nível global, fundamentando essencialmente a prevenção.

Após análise e alguns momentos de reflexão, isentos de influências regionais, partidárias ou religiosas, selecionamos e adotamos a seguinte definição de terrorismo: ação deliberada com exploração do medo, recorrendo ao uso, ou ameaça, da violência para fins políticos, de cariz imprevisível e forte ação mediática dos seus feitos.

Esta abordagem conceptual permite-nos abranger e interpretar o terrorismo tradicional e o

contemporâneo. A título de exemplo, durante as décadas de 1960 a 1980, o conceito de terrorismo estava diretamente conotado com atos violentos contra as entidades executivas ou para forçar uma alteração na sociedade. Designações como militante, revolucionário, separatista, nacionalista, radical, entre outras, facilmente eram conotadas com tais perpetradores dos ataques. Nos finais dos anos 70 e princípios dos anos 80 encontramos uma tendência extremista separatistas de esquerda e direita, com recurso a técnicas que permitiam implementar a violência para os seus desígnios políticos (DYSON, 2008, p. 15). Estávamos perante o terrorismo tradicional. Este tipo de terrorismo é um modo de combate irregular, incorporando um possível movimento ou ação subversiva, integrado numa das fases do movimento subversivo – a flagelação (DYSON, 2008, p. 34; FERREIRA, 2006, p. 41). Operava como uma simples técnica de guerrilha, em que se fundamenta como a “arma” dos mais pobres, para que estes se aproveitassem da sua assimetria para obterem vantagem no combate. Os guerrilheiros recorrem a esta técnica porque não têm outra forma de combate perante um contendor muito mais poderoso (GRAY, 2007, p. 247), em que Tomé (2004, p. 175) referencia estas ações como subversão latente ou incipiente.

O terrorismo tradicional

é sobretudo uma tática para chamar atenção para a sua causa [...] [em que] raramente se envolve matanças indiscriminadas, concluindo que tal repugnaria a base social de apoio (TOMÉ, 2004, p. 176).

Nos seus conceitos específicos, o terrorismo tradicional está inserido numa guerra interna, por vezes definida por guerra subversiva, com recurso a ações em que são designadas de terrorismo seletivo e terrorismo indiscriminado (FERREIRA, 2006, p. 41), assumindo-se como um esforço político com um objetivo específico.

É conhecido como um clássico dos países em África na década de sessenta e setenta, durante as insurreições de países ditos como “colonizados”. Evitavam o recurso ao terrorismo indiscriminado, uma vez que este abrangia, numa forma geral, alvos civis. Sendo a população o seu meio de dissimulação, tal como referido, evitavam o terrorismo indiscriminado, porque os alvos civis podiam influenciar negativamente a própria população contra os seus propósitos.

Na Europa, o recurso, ou ameaça, a esta tática violenta caracterizava-se como uma atividade de assalto ao poder, através de grupos separatistas, que apresentavam uma dinâmica interna ou doméstica, como nos casos da Alemanha e Itália, que sofreram com a Fação do Exército Vermelho – o grupo *Baader-Meinhof* e as Brigadas Vermelhas para o caso da Itália, respetivamente (TOMÉ, 2004, p. 176).

Na sequência de um vazio de ameaças, originado pelo fim da Guerra-Fria, surgem ameaças não tradicionais, com uma ambição global e anti Ocidente, onde os

⁸ O combate foi alterado pelo facto de não se identificar facilmente quem se está a combater, diminuindo o confronto direto (atirção) entre as partes e incrementando as atividades de informar e influenciar.

⁹ Perceção de um Estado, instituição ou organização, da presença em algum grau de perigo devido às possibilidades, intenções e ações estimadas de um ator estatal ou não estatal.

¹⁰ Da sua estratégia de combate ao terrorismo, difundiu-se os cinco “D” – *Dissuading, denying, deterring, developing, defendig* [dissuadir, negar, impedir, desenvolver e defender].

Estados, de uma forma geral, se demarcam do apoio e orientação aos perpetradores de ações relacionadas com o terrorismo. Surgem

estudos especializados [que] estabelecem a distinção entre o terrorismo patrocinado por Estados, de que constitui exemplo o Hizballah inspirado pelo Irão, e o terrorismo «autônomo», que atua fora da órbita específica de um Estado, como é o atual caso da Al-Qaeda (ROMANA, 2004, p. 259).

De forma inesperada, apareceram os acontecimentos de 11 de setembro, os quais, na ótica de Tomé (2003), deram origem a uma nova designação de terrorismo, o “hiperterrorismo” ou “terrorismo pós-moderno”, em que, para além de aumentarem os seus níveis de violência, se trata essencialmente, ao contrário do anterior tipo de terrorismo, de um tipo global, não somente na sua organização, mas também no alcance dos seus objetivos. Deixava-se assim de se abordar o terrorismo tradicional, para assumir uma nova forma de consagração.

Em nosso entender, estas novas vertentes caracterizam o terrorismo contemporâneo, mas se interpretarmos as variáveis de análise do terrorismo, violência (meios), fins (objetivos) e sua disseminação (fator mediático), verificamos que este afinal apenas assume uma nova dimensão que compreende uma mutação e evolução principalmente ao nível de efeitos. Para Laquer (apud GRAY, 2007, p. 259), a década de 90 foi o período emergente que efetuou a transição do terrorismo tradicional para o terrorismo contemporâneo. Para além do referido, a distinção entre estas duas épocas assenta na sua motivação, objetivos, métodos e estrutura organizacional. Relaciona-se, deste modo, o terrorismo tradicional com objetivos geopolíticos limitados, o que implica, na sua teoria, uma possível capacidade de negociação. No entanto, importa referir que a indefinição de um fim político define o afastamento da classificação de terrorismo para estarmos perante um ato que se define como crime, variando de acordo com a sua gênese e organização (ENDERS; SANDLER, 2006, p. 3). Tal situação pode ser verificada pelas FARC (Fuerzas Armadas Revolucionárias da Colômbia) que, apesar de ser referenciada como grupo terrorista, é também conotado como um grupo organizado e “armado” que tem como principal finalidade o “lucro” e financiar atividades ilícitas e violentas (HABERFELD; HASSELL, 2009, p. 12). Muitos classificam-no de terrorismo narcotráfico, enquanto outros o percebem como crime com recurso a uma violência extrema.

O terrorismo contemporâneo apresenta-se com novas características em várias dimensões. É proveniente da era da informação, o que lhe permite atingir um mediatismo muito mais rápido e em maiores proporções, é organizado em rede, abandonando a estrutura hierárquica tradicional, dificultando a sua identificação e, conseqüentemente, o combate a este fenómeno. É completamente indiferente aos traços

humanos, sem qualquer valor à vida humana, recorrendo à violência a patamares muito elevados, chegando mesmo a sacrificarem as suas próprias vidas, alegando uma vontade superior.

Na sequência do referido, o terrorismo contemporâneo transnacionalizou-se à escala global, não tendo, no entanto, qualquer correlação com atividades de cariz militar, particularizando as suas ações com justificações religiosas (FERREIRA, 2006, p. 45-47), entre estas ações salientamos a Al-Qaeda, responsável pela expansão do terrorismo e pelo emprego deste como forma de subversão¹¹ e instrumento de poder (SILVA, 2011, p. 129). Apesar de assumirem um assalto ao poder, com eventualidade de ambicionarem a formação de um Estado, verificamos que a Al-Qaeda¹² não hesita em provocar danos significativos e empenhados numa causa religiosa de luta contra o ocidente e infiel, legitimado pela experiência e sharia islâmica. Numa breve analogia entre as tipologias, tradicional por oposição o contemporâneo, podemos deduzir que o terrorismo pode recorrer a duas formas distintas de atingir os seus fins: (i) como uma técnica, para atingir fins estratégicos; e (ii) como uma tática, para atingir fins políticos (GRAY, 2007, p. 256).

Para incrementar esta complexidade contemporânea, surgem de forma algo inesperada, para a época, atos de terrorismo de elevada sofisticação, desenvolvidos por um indivíduo isoladamente, mais conhecidos por lobos solitários¹³.

Esta nova forma de terrorismo denota uma elevada independência que dificulta a sua análise e acompanhamento, uma vez que só se conhecem as suas verdadeiras intenções após a perpetuação das suas ações, não se verificando até ao momento do ataque qualquer tipo de atividade de relação ou indicador que permita efetuar a sua vigilância. Também pode ser definido como uma tática empregue pelo terrorismo contemporâneo, emergindo dos “right wind”, com a finalidade de dificultar a sua deteção e garantir a liberdade de ação para o planeamento de ações futuras.

11 “Esta organização tem vindo a utilizar o terrorismo como um contrapoder, cujo principal propósito é alcançar um objetivo político específico: recuperar a honra dos muçulmanos através da restauração do califado abolido por Mustafa Kemal Atatuk, na Turquia, em 1923” (SILVA, 2011, p. 129).

12 Optamos por abordar a Al-Qaeda em detrimento do Estado Islâmico, pelo facto da edição anterior apresentar um superior artigo que retrata e apresenta dados relativos a este grupo nascido no seio da Al-Qaeda, mas que atualmente opera de forma independente.

13 O conceito de lobo solitário é uma derivação de terrorismo sem uma liderança assumida. Neste caso, importa não confundir com o terrorismo antissistema (está suportado pelo ódio, por aquilo que não alcançou e tem uma motivação puramente racional), o lobo solitário desenvolve uma forma própria de atuar, baseado e fundamentado no grupo a que pertence ou à filosofia de grupo em que acredita (DYSON, 2008, p. 35). Como exemplo deste tipo de terrorismo temos o caso Breivik, na ilha de Utøya, Noruega, em que, apesar de tentativa de o relacionar com certas ideologias, o elemento terrorista em causa agiu isoladamente com ausência de motivações que o relacionassem com outros grupos.

3 OBJETIVOS

No âmbito da definição de objetivos existem algumas semelhanças, em relação ao objetivo final, entre o terrorismo tradicional e o contemporâneo. Enquanto o terrorismo tradicional não tem a capacidade de derrotar o poder político, ou a autoridade de facto, apenas consegue descredibilizá-la, com recurso ao terrorismo seletivo ou indiscriminado, mas sempre com o intuito de desacreditar a autoridade de direito ou de facto perante a população e a comunidade internacional (GRAY, 2007, p. 247), o terrorismo contemporâneo tem como principal objetivo a tomada do poder de forma global e transnacional. Enquanto o tradicional influencia toda a atividade de contrapoder numa ação concertada, delimitada de espacialmente.

O objetivo de qualquer ataque terrorista obedece normalmente a uma estratégia que se prende com a categoria em que este se enquadra. Os objetivos podem ser imediatos ou mediatos e estendem-se desde a demonstração de força do grupo, vinganças, obtenção de meios logísticos ou à provocação de um governo, normalmente apoio para o próprio grupo ou para a causa que defendem.

Em relação aos objetivos imediatos, as organizações e indivíduos envolvidos no terrorismo podem alternar alvos seletivos com outros de carácter indiscriminado, obedecendo normalmente a uma estratégia que se prende com os efeitos, ao nível tático, que se pretende atingir. Os objetivos mediatos resultam dos atrás referidos (imediatos), com a particularidade de se manifestarem pela materialização do assalto ao poder político (LARA, 2007b, p. 523).

O recurso a este tipo de objetivos imediatos e mediatos foi amplamente utilizado pelas Brigadas Vermelhas em Itália, que despoletaram mais de catorze mil ações terroristas, isto na década de setenta, tendo sido manifestado, como objetivo mediato, o sequestro e posterior assassinato, em 1978, do democrata-cristão ex-ministro italiano Aldo Moro (HABERFELD; HASSELL, 2009, p. 10).

Facilmente se consegue relacionar e identificar a operacionalização dos objetivos imediatos em situações que se desenvolvem em ambientes subversivos. Para este caso, o terrorismo materializa-se como um estágio de uma guerra subversiva, em que se pode considerar como uma ofensiva de guerrilha (ROGEIRO, 2003, p. 60), materializando-se como um recurso de uma guerra não convencional.

Podemos verificar diversos exemplos, mas salientamos os movimentos subversivos que se desenvolveram nas décadas de sessenta e setenta em África. Estas referências visam exemplificar que o método e os seus objetivos validam fisicamente alvos em benefício do fim a que se propõem, todavia, ocupam uma atividade em torno de uma ação clandestina de subversão.

No terrorismo tradicional encontramos o indiscriminado e o seletivo. Em relação ao primeiro estão relacionados todas as atividades que não selecionam alvos específicos, apenas visam atingir o fator mediático e difundir o medo. O segundo tipo, terrorismo seletivo, está diretamente relacionado com a seleção minuciosa do alvo, visa atingir um ponto específico e explorar uma vulnerabilidade nesse alvo (LARA, 2007a, p. 44).

Após a predominância do terrorismo do tipo tradicional, o sistema internacional presenteia-nos uma nova era, a da globalização, que se apresenta com momentos e aspetos interessantes na partilha de cultura e saber, no entanto, auxilia o terrorismo permitindo-lhe uma desterritorialização do fenómeno, articulando meticulosamente os seus grupos, facilitando o seu financiamento e, acima de tudo, tornando-o mais invisível (Tomé, 2003).

Apesar dos atentados ao *World Trade Center* não terem sido proclamados em proveito de objetivos políticos concretos, o “*terror manifestou-se como uma espécie de punição contra o comportamento dos Estados Unidos*” (TOMÉ, 2003), manifestando uma insatisfação face ao comportamento societal e ao poder norte-americano. Conforme podemos verificar no “*Key point*” de Gray (2007, p. 262) toda a guerra é política, mas nenhuma é mais do que o terrorismo.

Independentemente da tipologia de terrorismo, podemos verificar que os “alvos” a atingir por estas atividades estão diretamente relacionadas com os objetivos. Podemos ainda afirmar que estas atividades visam atingir diferentes tipos de alvos, que se materializam em três elementos basilares, nomeadamente: (i) alvo de agressão; (ii) alvo de fixação; e, (iii) alvo de influência.

O alvo de agressão está diretamente relacionado com a própria vítima que sofre o atentado ou a ação. O alvo de fixação está vocacionado para selecionar e fixar uma determinada audiência da comunidade internacional, para chamar atenção a quem o atentado quer apelar, através dos recursos dos media, elevando o fator mediático a níveis superiores. O alvo de influência visa a intenção de alterar o comportamento da decisão, ou conduta dos decisores que, após uma forte influência da comunidade envolvente, os decisores são pressionados a ceder. É neste momento que o fator mediático tem forte impacto, incutindo forte pressão sobre a comunidade a fim de afetar os decisores.

4 ESTRUTURA

Para Lara (2007a, p. 44), as estruturas que alimentam o terrorismo são divididas em duas gerações. A primeira assenta numa estrutura hierarquizada, com fluxos funcionais dependentes em ações de comando e controlo hierarquizadas sobre um sistema de células. A segunda geração apresenta um conjunto de células autocéfalas, que se organizam inicialmente na atividade e, posteriormente, inserem-se na sociedade até à concretização da mesma.

Efetuada uma comparação entre a primeira geração e o que nós caracterizamos de terrorismo tradicional¹⁴, esta apresenta estruturas iniciais com base em grupos com ligações diretas a movimentos subversivos e com os mesmos fins. Estas organizações funcionavam segundo uma estrutura hierarquizada de forma vertical e operavam em ambientes clandestinos com recurso ao apoio da população local ou parte desta.

Sem se abordar o “apoio político”, uma organização subversiva pode articular-se nas seguintes componentes: (i) elementos de sustentação, garantindo a satisfação das necessidades e recursos para o desenvolvimento de toda a estrutura; (ii) elementos clandestinos de apoio, garantindo a satisfação em relação à capacidade de seleção de alvos, recolha de informação, dissimulação dos elementos operacionais, entre outros; e, (iii) operacionais, vulgarmente conhecidos como guerrilha, que, entre várias atividades, desenvolvem atividades de sabotagem e terrorismo (FERREIRA, 2006).

Esta organização está inserida num processo de subversão, articulando-se em células, mas com comando e controlo hierarquizado, de forma a evitar o desmembramento de toda a estrutura para o caso de um dos elementos ser capturado (COUTO, 1989, p. 273).

Tal como já identificado, o terrorismo tradicional é de cariz técnico e tático, muito relacionado como um estágio da subversão. Este facto deve-se ao pormenor deste tipo de terrorismo estar diretamente relacionado com os movimentos de subversão que “dispararam” principalmente pela África e América Latina onde mantinham a sua dissimulação na população através do apoio desta. Por outro lado, na Europa, mantinha uma estreita relação com grupos separatistas.

Os grupos que derivam do terrorismo contemporâneo têm de se ajustar ao meio ambiente, onde nem sempre têm o apoio da população, sendo obrigados a dissolverem-se no seio da população que os rodeia, aqui podemos encontrar a origem de células autocéfalas. Importa referir que, como qualquer organização, os grupos terroristas desenvolvem estruturas organizacionais funcionais para o ambiente, no qual pretendem operar. Para Rogeiro (2003, p. 140),

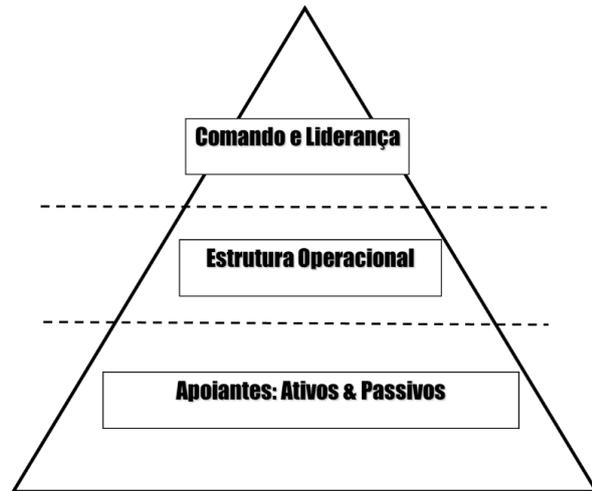
os analistas mais qualificados [e.g.] gostam de referir que [grupos e movimentos terroristas da atualidade] parecem ser uma «organização voltada para os fins», por oposição a uma estrutura burocrática, que vive para se justificar.

Os grupos terroristas exercem o comando e controlo de forma análoga às forças militares e de segurança, mas por vezes verifica-se que a disciplina e a compreensão da cadeia de comando não é totalmente esclarecida para funcionar ao longo de linhas claras de autoridade e funcionalidade. As dinâmicas de grupo,

egos e diferenças filosóficas atenuam os princípios organizacionais e criam falhas de atuação que possibilitam a identificação do grupo e a sua atividade.

A organização contemporânea típica consiste em: (i) comando e liderança, que define a política e dirige a ação; (ii) estrutura operacional, que é organizada funcionalmente em células; e (iii) apoiantes, normalmente divididos em duas categorias – os ativos e os passivos (Romana, 2004: 268).

Figura 1: Organização típica de uma estrutura terrorista.



Fonte: Adaptado de Romana (2004, p. 268).

Normalmente, o comando é cometido à causa e costuma ser um líder orientador para todo grupo. Os elementos operacionais são aqueles que desencadeiam as ações e estão comprometidos com a causa do grupo e sofrem fortes influências do seu líder. Os apoiantes ativos são as entidades que não perpetram atos terroristas, mas que apoiam os terroristas, com tarefas de apoio direto. Os apoiantes passivos são simpatizantes da causa, sem qualquer ligação com as atividades operacionais.

Considerando que, por definição, os terroristas devem operar em ambiente hostil, a consideração primária da organização é a segurança. Como resultado, a organização do grupo terrorista em cada nível ou patamar é normalmente celular, com cada elemento relativamente isolado. Este tipo de organização protege os elementos do grupo para o caso de captura ou dissidência. Como tal, a organização em rede permite obter, para além da segurança, alguma economia, sem que isso signifique nenhuma perda séria, sendo definidas por Eugénio (2010, p. 56) “como um conjunto de nós e um conjunto de relações”, em que cada nó está ligado a outro de acordo com a sua complexidade¹⁵. Contudo, estas células também podem assumir ramificações que permitem a interligação, ou seja, estender-se aos diferentes níveis ou patamares.

¹⁴ Durante a comparação verificamos que a segunda geração de terrorismo apresentada por Lara se identifica com o terrorismo contemporâneo.

¹⁵ “Mais ou menos centrada, mais ou menos dirigida, mais ou menos ligada” (EUGÉNIO, 2010, p. 56).

Verificamos, desde modo, que podem assumir três dimensões ou forma de apresentação, a saber: (i) estrela, em que cada elemento está relacionado a um coordenador e a célula tem capacidade de operar de forma independente; (ii) posição nodal, em que cada elemento está diretamente dependente de um elemento coordenador, mas a célula recebe orientações de uma entidade superior; e (iii) malha, onde os elementos se interligam entre si, não se identificando uma única ligação, nem nenhum elemento coordenador da atividade.

As células em estrela e malha são de índole autocéfalas, dificultando a sua detecção e previsão de atividades. A estrutura da Al-Qaeda¹⁶ pode ser encarada como um misto das situações referidas, cuja cúpula tem um vasto conjunto de células, de grupos operacionais e apoio que se interligam, mantendo uma complexa organização em que “os elementos constituintes [...] [também] interagem entre si, fazendo emergir uma certa ordem” (EUGÉNIO, 2010, p. 54).

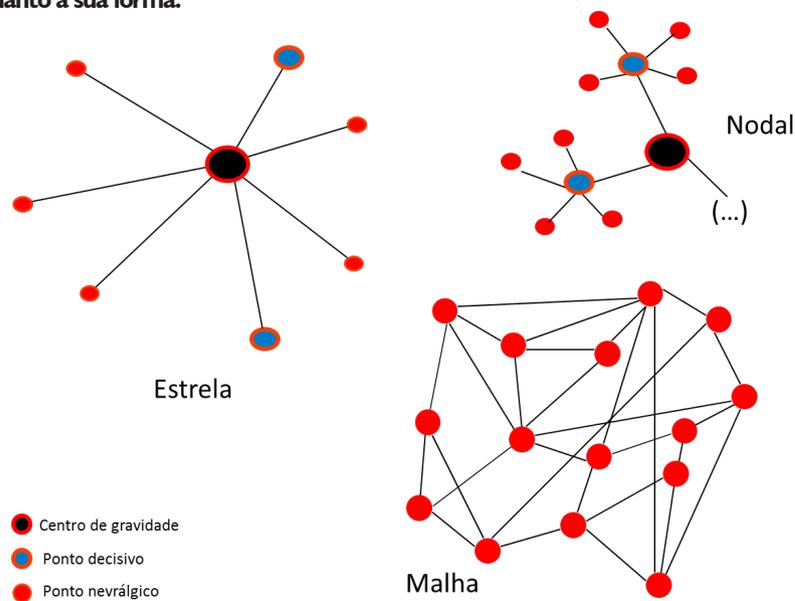
A estrutura, organizada em células, permite manter uma “unidade” base, definida por um mínimo de elementos capaz de desenvolver uma atividade concreta, de forma isolada ou em colaboração com outras células.

detetado pode facilmente identificar-se e neutralizar-se uma célula, contudo, esta pode manter metástases da organização operacional.

Quando identificado o centro de gravidade, podemos facilmente identificar o ponto mais vulnerável de uma organização terrorista, onde se pode potenciar uma força de neutralização contra este centro e toda a organização pode culminar. Deste modo, facilmente podemos verificar que a rede em malha se tem desenvolvido de forma significativa em qualquer organização terrorista.

Ainda no terrorismo contemporâneo, também é possível verificar a manutenção da sua estrutura suportada em redes, com vários tipos de níveis que nós definimos de círculos. Estes círculos estão conectados, intencionalmente, com o intuito de tornar a rede complexa e de difícil interpretação. Mesmo assim, o seu interior admite uma estrutura hierarquizada, dissimulada pelas suas conexões e tipos de comunicações entre os seus membros. A título de exemplo, identificamos um órgão a que Guedes (2007, p. 66) o define de comité militar, que se liga a outros círculos, ao mesmo nível hierárquico, tais como os comités de dinheiro e negócios, jurídico e, ainda, outro designado a estudos de informações.

Figura 2: Células quanto à sua forma.



Fonte: Elaboração própria (2015).

O ponto nevrálgico permite o desenvolvimento da atividade, de forma continuada, sem se ter a percepção de quem “faz o que”, dificultando, e em muito, a identificação dos líderes, operacionais e apoiantes. O ponto decisivo é um elemento de importância significativa numa organização terrorista, caso este seja

5 MOTIVAÇÕES DO TERRORISMO CONTEMPORÂNEO

O terrorismo com que a atualidade se depara é muito mais difuso que o anterior, pelas múltiplas motivações e tipologias de objetivos, pela proliferação de células e grupos pelo globo, é através da vingança e do ódio, obscurecido pelos fatores de índole ideológico e religioso, e recurso a técnicas violentíssimas procuram matar indiscriminadamente o maior número de pessoas (TOMÉ, 2003).

¹⁶ “A Al-Qaeda nasceu a partir de uma entidade apelidada Maktab al-Khadamat «MAK, literalmente – O Escritório de Serviços», uma organização de mujahidin constituída nos anos 80 do século passado com o intuito de lutar contra os Soviéticos que tinham acabado de invadir o Afeganistão” (GUEDES, 2007, p. 63).

Para tal, como refere Costa (2005, p. 289), importa separar e interpretar os meios empregues concorrentemente às causas elencadas. Não é suficiente avaliar a justiça das causas, impera também a necessidade de se avaliar a justiça dos meios de combate empregues.

As motivações podem ser variadas, apesar de muitos autores referirem o baixo nível de formação, o contrário também se verifica, cujos elementos de superior nível académico e social se encontram em redes e grupos terroristas.

Para se recorrer a causas e atividades de emprego de violência, os terroristas são motivados e agrupados por diversos tipos de atividades motivacionais bem diferenciadas.

Enquanto Lousada (2007, p. 23) apresenta duas grandes vertentes na motivação dos terroristas, nomeadamente a nacionalista e as de âmbito ideológico religioso, consideramos outras motivações basilares, diferentes mas relacionadas, a saber: (i) racional; (ii) psicológica; e, (iii) cultural.

As ações motivadas pelo fator racional refletem as suas opções e objetivos e efetuam uma análise custo versus benefício. Consideram métodos de menor custo e mais eficazes para alcançar o seu objetivo. Esta vertente está diretamente relacionada com a dimensão nacionalista (HOFFMAN, 2006, p. 36).

A motivação psicológica para o terrorismo aparece, grosso modo, associada ao descontentamento pessoal do terrorista com a sua própria vida, inexistência de realizações pessoais ou dimensões racionais, culturais ou mesmo religiosas (HOFFMAN, 2006, p. 224). Para ultrapassar as suas angústias, desesperos ou infelicidade, encontram no terrorismo a solução para as suas rogativas.

A motivação cultural molda os seus valores e incita os indivíduos para ações aparentemente irracionais. O quotidiano é uma característica cultural que tem enorme impacto no terrorismo, principalmente no terrorismo de fundamentalismo¹⁷ islâmico. Em sociedades, nas quais os seus membros se identificam socialmente como elementos de um grupo, parece existir uma vontade e abnegação próprias, raramente identificadas noutras circunstâncias. Neste caso, os terroristas parecem estar ansiosos por dar a sua vida pela organização ou causa.

De salientar a motivação religiosa, não nos referimos a uma situação específica e particular, todavia, a sua génese aborda a conjugação da motivação psicológica e cultural. A motivação religiosa tem o alcance do emprego da vertente cultural, pois esta pode veicular a condução de massas a situações extremas, ou seja, para além da fé, e em determinadas situações e locais, os círculos políticos e religiosos formam um todo, em que o “Estado não se pode separar da religião, visto que ela condiciona o

poder”, por vezes “instrumentalizado” para se atingirem os fins políticos previamente definidos (SILVA, 2011, p. 159). No entanto, a história evidencia alguns casos com recurso a um tipo de violência completamente desprovida de qualquer tipo de motivação racional, psicológica ou cultural (ou mesmo religiosa). Por norma, estes casos estão diretamente associados a fenómenos relacionados com o crime ou com elementos radicais e fanáticos.

A análise dos fatores motivacionais permite estudar a forma como o contra terrorismo encara as suas atividades, este vis-à-vis, apresentado por alguns países, manifesta categoricamente um *modus operandi* muito peculiar de análise da motivação (HABERFELD; HASSELL, 2009, p. 11), que, em nosso entender, daria um estudo específico, com maior profundidade que não é a intenção do presente trabalho. No entanto, julgamos de todo conveniente alertar para o facto da necessidade de se combater este fenómeno, que decorre de fatores endógenos e exógenos da conflitualidade, dificilmente de quantificar.

Ainda em relação ao terrorismo religioso, à qual relacionamos e integramos a motivação psicológica e cultural, este assumiu um protagonismo de elevada complexidade e difícil definição, tendo como principal catalisador os ataques a 11 de setembro de 2001 às “torres gémeas”.

Apesar das táticas empregues por terroristas variar de acordo com diversos fatores e condicionantes, o terrorismo suicida apresenta o extremo da violência, que difere das táticas conservadoras do terrorismo. Não se deve considerar um ato de desespero e irracional, bem pelo contrário, a motivação é de índole superior, levando Hoffman (2006, p. 132) a considerar estas decisões como ações bem calculadas, determinadas e conscientes.

O terrorismo suicida, suportado por uma motivação racional, não se apresenta como uma nova forma de terrorismo, mas como um meio de operacionalizar uma vontade, surgindo com uma nova identidade, não pela sua afirmação individual, mas contra a identidade dos outros. Assim, o terrorismo contemporâneo apresenta uma “nova arma” de elevada dificuldade de deteção e combate, porque o ato de violência é perpetuado pelo próprio autor, em que o operacional se mostra disposto a materializar violência ao seu lado extremo. Esta conduta possibilita desenvolver e atingir uma nova tipologia de alvos, porquanto o suicida possui a capacidade de se ir adaptando e ajustando ao plano de acordo com a vontade a que se propôs.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Propositadamente, foi nossa intenção não efetuarmos o desenvolvimento de um caso de estudo, porque, em nosso entender a apresentação de exemplos das várias situações permite-nos efetuar uma análise holística pluridisciplinar.

¹⁷ De forma geral, o fundamentalismo islâmico é confundido com terrorismo islâmico.

São fenómenos diferentes. Podemos referenciar o fundamentalismo islâmico como a luta dos muçulmanos na definição do desempenho que a religião tem na sua própria sociedade, com diferentes interpretações da lei sagrada, numa tentativa de islamizar a sociedade (SILVA, 2011: 130).

Ao longo do trabalho, verificámos que o estudo relativo ao fenómeno do terrorismo tem sido alvo de estudos e investigações pelos mais variados motivos. A própria cultura, objetivos e interesses proporcionaram múltiplas interpretações e definições, que impedem a atribuição de uma definição comumente aceite à sociedade em geral.

Reiteramos a dificuldade em determinar uma definição comum e transversal a toda a comunidade internacional, as abordagens e pontos de vista são completamente díspares. Tal como referido na introdução do presente artigo, um grupo pode ser considerado como um terrorista por um segmento da sociedade e ser visto como um guerreiro da liberdade, entre outras designações, por outra parte da sociedade.

No entanto, ao estudarmos as definições de terrorismo e as suas variáveis de análise, verificámos que existem alguns pontos em comum, das quais se enfatizam: (i) o nível dos objetivos, de que se destaca a presença do objetivo político, que o separam da criminalidade normal; (ii) o uso, ou ameaça, da violência a níveis muito elevados; e (iii) o carácter mediático do mesmo, que funciona com ações sobre alvos civis, sendo este um ponto fulcral do terrorismo.

Contudo, importa recordarmos a principal linha orientadora e em debate no presente ensaio “*Como se pode caraterizar a evolução do terrorismo?*”.

Desta feita, concluímos que o terrorismo contemporâneo não acabou com o tradicional nem assumiu novos contornos. Este sofreu uma mutação com alterações de ordem interna para outras de ordem global. Podendo mesmo ser diferenciadas pela alteração do nível de efeitos pretendidos, onde se define uma alteração no alcance dos seus objetivos e estrutura, assumindo uma aproximação transnacional. Consideramos que o terrorismo contemporâneo não é novo, surge de uma mutação da anterior – terrorismo tradicional para o contemporâneo – assumindo contornos mais violentos, desenvolvido pelo fenómeno da globalização.

A estrutura para as ambas tipologias apresenta semelhanças, principalmente na clandestinidade. Ainda assim, em nosso entender, a maior e mais significativa prende-se com o facto do terrorismo tradicional ter uma maior aceitação pela população, chegando mesmo a existir uma cumplicidade entre a população nativa e os elementos que desenvolvem as ações.

Os detalhes organizacionais são normalmente específicos para cada situação. Não obstante, existem princípios organizacionais comuns, quer na estrutura de apoio quer na operacional. Atendendo a que têm de operar num ambiente que lhes é naturalmente hostil, a segurança individual e da própria organização é a sua preocupação primária, sendo bem mais eficiente com o recurso a uma estrutura celular, tão estanque quanto possível, de tal modo que os seus elementos apenas conhecem e identificam os seus pares.

O terrorismo contemporâneo, pela sua própria

projeção e violência coloca em causa os fins a que a população, de forma geral, quer manter e desenvolver – segurança e bem-estar. O efeito da globalização proporcionou, de forma não intencional, um conjunto de aglomerados populacionais - “zonas livres” - para terroristas, que lhes permite manter uma perfeita dissimulação no seio da população, tal como financiar-se, organizar-se, treinar-se e outras.

Concluimos que o terrorismo tradicional, longe de ter desaparecido, é um recurso que visa atingir um fim de âmbito limitado. Assume-se como um elemento desestabilizador e violento que objetiva atingir a desacreditação da ordem instituída. Sendo na sua essência uma tática que explora o fator mediático do terrorismo para apelar à sua causa, com objetivos normalmente seletivos, por norma relacionados com o poder instituído. Mantém a sua génese de se considerar um meio para atingir um fim. Como corolário, as suas variáveis de análise demonstram que o terrorismo tradicional se apresenta, a nível regional, como um recurso de ordem técnica, inserido numa ação concertada, delineada para assaltar o poder instituído. O terrorismo contemporâneo apresenta-se à escala global de ordem universal, empregue como uma linha de ação estratégica que visa o assalto a objetivos difusos, com uma seleção de alvos indiscriminados, normalmente civis e em locais públicos, e de violência extrema, com recurso e aclamações justificativas de ordem religiosa, cultural e social para legitimarem as suas ações.

REFERÊNCIAS

- COSTA, M. de F. M. **A teoria da guerra justa e o terrorismo**. 2005. Dissertação (Mestrado em Filosofia)-Universidade do Minho, Braga, 2005. Versão policopiada.
- COUTO, A. C. **Elementos de estratégia**: apontamentos para um curso. Lisboa: IAEM, 1989. v. 2.
- DYSON, W. E. **Terrorism**: an investigator’s handbook. Newark: LexisNexis Group, 2008.
- EUGÉNIO, A. L. B. Porque é que os criminosos e os terroristas tendem a organizar-se em rede? **Estratégia**, Lisboa, v. 19, p. 51-62, 2010.
- ENDERS, W.; SANDLER, T. **The political economy of terrorism**. New York: Cambridge University Press, 2006.
- FERREIRA, P. A. **O novo terrorismo**. Lisboa: Prefácio, 2006.
- GRAY, C. S. **War, peace and international relations and introduction to strategic history**. Oxon: Routledge, 2007.

- GUEDES, A. M. **Ligações perigosas**: conectividade, coordenação e aprendizagem em redes terroristas. Coimbra: Almedina, 2007.
- HABERFELD, M. R.; HASSELL, A. von. Proper proactive training to terrorist presence and operations in friendly urban environments. In: _____. **New understanding of terrorism**: case studies, trajectories and lessons learned. New York: Springer, 2009. p. 9-22.
- HOFFMAN, B. **Inside terrorism**. New York: Columbia University Press, 2006.
- LAQUEUR, W. **The new terrorism**: fanaticism and the arms of mass destruction. New York: Oxford University Press, 1999.
- LARA, A. de S. (2007a). **O terrorismo e a ideologia do ocidente**. Coimbra: Almedina, 2007a.
- LARA, A. de S. **Ciência política**: estudo da ordem e da subversão. 4 ed. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 2007b.
- LOUSADA, A. P. Revisitar o 11 de setembro: o terrorismo e as relações transatlânticas. **Estratégia**, Lisboa, v. 16, p. 17-58, 2007.
- ROGEIRO, N. **O Inimigo Público**. Lisboa: Gradiva, 2003.
- ROMANA, H. B. O novo Framework do terrorismo internacional de matriz islâmica: desafios ao modelo de análise em informações estratégicas. In: MOREIRA, A. (Coord). **Informações e segurança**: estudos em honra do general Pedro Cardoso. Lisboa: Prefácio, 2004. p. 257-270.
- SILVA, T. de A. **Islão e fundamentalismo Islâmico, das origens ao século XXI**. Lisboa: Factor, 2011.
- TOMÉ, L. L. **Novo recorte geopolítico mundial**. Lisboa: EDIUAL, 2004.
- TOMÉ, L. L. O 11 de Setembro e o “terrorismo de novo tipo”. **Janus.Anuário**, Lisboa, 2003. Disponível em: <http://www.janusonline.pt/2003/2003_2_2_1.html>. Acesso em: 12 abr 2015.

Recebido em 14 de agosto de 2015

Aprovado em 09 de dezembro de 2015